



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA

CLEUDIMAR FRANCISCO TAVARES

REPRESENTAÇÕES DA CULTURA POPULAR NA FOLIA DE REIS EM ARRAIAS

Arraias – TO
2022

CLEUDIMAR FRANCISCO TAVARES

REPRESENTAÇÕES DA CULTURA POPULAR NA FOLIA DE REIS EM ARRAIAS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Wilson R. dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

T231r Tavares, Cleudimar Francisco.
Representações da cultura popular na Folia de Reis de Arraias. /
Cleudimar Francisco Tavares. – Arraias, TO, 2022.
54 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo,
2022.

Orientador: Wilson Rogério dos Santos

1. Folia de Reis. 2. Cultura Popular. 3. Etnomusicologia. 4.
Música e Educação do Campo. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

CLEUDIMAR FRANCISCO TAVARES

REPRESENTAÇÕES DA CULTURA POPULAR NAS MÚSICAS DA FOLIA DE REIS EM ARRAIAS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 09 de junho de 2022.

Banca examinadora formada pelos professores:



Professor Dr. Wilson Rogério dos Santos - Presidente
Universidade Federal do Tocantins



Assinatura do Servidor
Profª Silvia Adriane Tavares de Moura,
Educação do Campo - UFT
ARRAIAS - TO

Professora Dr.ª Silvia Adriane Tavares de Moura
Universidade Federal do Tocantins



Professora Dr.ª Ana Roseli Paes dos Santos
Universidade Federal do Tocantins

Dedico esse texto a Deus, a todos que me ajudaram e me apoiaram durante toda essa trajetória, e a minha família, minha mãe Domingas Francisca da Conceição e meu pai Joseni Luiz Tavares, minha esposa Arielle Pereira Leal e, principalmente, a meus colegas de turma, por estarem sempre comigo, pela compreensão e pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de realizar meu sonho que era terminar esse curso.

Ao meu pai, Joseni Luiz Tavares, e a minha mãe, Domingas Francisca da Conceição, que estiveram sempre ao meu lado, me dando força e apoiando para continuar.

À minha esposa, Arielle Pereira Leal, que contribuiu com muita paciência, compreensão e motivação.

Ao meu irmão, Luciano Francisco Tavares, por ter disponibilizado seu computador para pesquisas de trabalhos e artigos.

A toda família, pelo apoio, incentivo e carinho.

Aos demais colegas de turma, que sempre me incentivaram a continuar e pelas parcerias no decorrer do curso.

Ao meu professor, Wilson Rogério, pelo companheirismo, profissionalismo e por acreditar em mim.

Aos entrevistados, Márcio Brito, Felício Guedes de Jesus, Jaime Cirino e a todos os foliões de Reis, pela disposição e contribuição para esse trabalho.

Um agradecimento especial à dona Domingas Santana, que contou um pouco da história da Folia de Reis de Arraias, assim como cedeu os registros fotográficos e permitiu que eles fossem incluídos no trabalho.

Ajoelha para receber é de Deus a santa bênção
O devoto penitente de longe vem cansado
Cumprindo sua promessa com nosso pai da verdade
Deus lhe pague sua boa esmola que vai dar para
Santo Reis
Se der boa vontade
Paro ano ele pede outra vez

(Verso da Folia de Reis)

Na folia primeiramente o Espírito
Santo, a viola, a caixa, os
pandeiros, é a rebeca se tiver...

Felício Guedes de Jesus (Folião)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as Folias de Reis, mais especificamente a Folia de Reis de Arraias, que é solta todo ano por Dona Domingas Santana, do Centro Espírita Caminho da Luz, Mestre Zé Pilintra. Inicialmente o objetivo era fazer um diagnóstico das questões relacionadas à música, relacionando-as ao ensino musical nas escolas. No entanto, as consequências da epidemia covid-19, com a interrupção das atividades, inclusive do giro da Folia por dois anos, obrigou um redirecionamento do objeto para privilegiar questões históricas e da representação e importância cultural da Folia dentro da cidade de Arraias. Neste sentido foram colhidos importantes depoimentos de participantes, assim como o depoimento da principal figura desta festividade, a Sra. Domingas, além de conseguir diversos registros de vídeo e fotográficos, assim como registros históricos, gentilmente cedidos por Dna. Domingas. No Brasil a Folia chega trazida pelos colonizadores portugueses, com caráter mais religioso do que diversão. Sob várias denominações como Reisados, Ternos ou Cantorias e se torna uma das festas mais tradicionais e ricas do país. A pesquisa também se insere como projeto vinculado num grande projeto de catalogação e patrimonialização das festividades e saberes populares da região, desenvolvido a partir do projeto Música: ensino, etnografias, desenvolvimento humano e social, que procura perceber, registrar e trazer tais manifestações não apenas para estudos acadêmicos, mas também propondo e viabilizando a realização destas atividades nas escolas regulares do município e da região. O paradigma metodológico empregado foi o qualitativo/interpretativo, que pode apresentar múltiplas possibilidades de interpretação e que valoriza o papel do pesquisador como construtor do conhecimento. No caso específico houve o emprego do estudo de caso interpretativo, onde se procura compreender como é o caso estudado pelo ponto de vista dos participantes, no caso os integrantes da Folia, para isso o pesquisador se insere no grupo e atua com liberdade de observação. O projeto cumpriu os seguintes objetivos propostos inicialmente: explorou a história e os significados da Folia de Reis em Arraias; analisou e destacou a relevância desta festividade para a cultura local.

Palavras-chave: Folia de Reis; Cultura popular; Etnomusicologia.

ABSTRACT

The present work has as its theme the Folia de Reis, more specifically the Folia de Reis of Arraias, which is released every year by Dona Domingas Santana, from the Path of Light Spiritist Center, Master Zé Pilintra. Initially, the objective was to make a diagnosis of issues related to music, relating them to music teaching in schools. However, the consequences of the covid-19 epidemic, with the interruption of activities, including the tour of Folia for two years, forced a redirection of the object to privilege historical issues and the representation and cultural importance of Folia within the city of Arraias. In this sense, important testimonies of participants were collected, as well as the testimony of the main figure of this festivity, Ms. Domingas, in addition to obtaining several video and photographic records, as well as historical records, kindly provided by Ms. Domingas. In Brazil, the Folia arrives brought by the Portuguese colonizers, with a more religious character than entertainment. Under various denominations such as Reisados, Ternos or Cantorias and becomes one of the most traditional and rich parties in the country. The research is also part of a project linked to a large project of cataloging and patrimony of the festivities and popular knowledge of the region, developed from the project Music: teaching, ethnographies, human and social development, which seeks to perceive, register and bring such manifestations not only for academic studies, but also proposing and enabling these activities to be carried out in regular schools in the municipality and in the region. The methodological paradigm used was the qualitative/interpretative one, which can present multiple possibilities of interpretation and which values the role of the researcher as a builder of knowledge. In the specific case, there was the use of the interpretive case study, which seeks to understand how the case studied is from the point of view of the participants, in this case the members of Folia, for this the researcher is part of the group and acts with freedom of observation. The project fulfilled the following objectives initially proposed: it explored the history and meanings of the Folia de Reis in Arraias; analyzed and highlighted the relevance of this festivity to the local culture.

Keywords: Folia de Reis; Popular culture; Ethnomusicology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA N. 1 – REGISTRO HISTÓRICO DO SR. FERREIRA	10
FIGURA N. 2 – LOCALIZAÇÃO DE ARRAIAS NO ESTADO DO TOCANTINS	23
FIGURA N. 3 – SENHOR LEÔNIDAS QUIRINO	29
FIGURA N. 4 – SENHOR ARNALDO SILVA	29
FIGURA N. 5 – FOLIA REUNIDA NO CENTRO ESPÍRITA CAMINHO DA LUZ ...	31
FIGURA N. 6 – GIRO DA FOLIA DURANTE A NOITE	36
FIGURA N. 7 – ARREMATO DA FOLIA, NA NOITE DE 6 DE JANEIRO	37
FIGURA N. 8 – A MESA COM OS ALIMENTOS, NO ARREMATO DA FOLIA	38
FIGURA N. 9 – DONA DOMINGAS SANTANA POSA AO LADO DO ALTAR	39
FIGURA N. 10 – A BANDEIRA DE SANTO REIS DE ARRAIAS	42
FIGURA N. 11 – A BANDEIRA, COM O BANDEREIRO CARLOS DE MOURA ...	43
FIGURA N. 12 – OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA FOLIA DE REIS	44
FIGURA N. 13 – A REPRESENTAÇÃO DO BOI	46
FIGURA N. 14 – A REPRESENTAÇÃO DO BOI	47
FIGURA N. 15 – FOLIA DE REIS	49
FIGURA N. 16 – FOLIA DE REIS NAS RUAS DE ARRAIAS	49
FIGURA N. 17 – FOLIA DE REIS DE ARRAIAS	50
FIGURA N. 18 – DONA DOMINGAS SANTANA E CLEUDIMAR FRANCISCO	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DA LITERATURA.	14
3 METODOLOGIA .	19
4 ANÁLISE DOS DADOS	23
4.1 Descrição do local estudado	23
4.2 Dados das observações	26
4.3 Relatos das observações (ciclo de passagem da Folia)	28
4.4 O Altar	39
4.5 O Mestre e o Festeiro	40
4.6 A Bandeira	41
4.7 Instrumentos musicais utilizados na Folia de Reis de Arraias	43
4.8 A representação do Boi	45
4.9 Registros históricos	48
5 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Registro histórico do Senhor Ferreira montado a cavalo em 1995, para representar a passagem da folia nas ruas da cidade de Arraias. Ele está carregando a bandeira, trajado de terno e com um lenço vermelho no pescoço. Todos os outros cavaleiros usam um traje específico.



Fonte: Sr. Dimas – 1995, cedida por dona Domingas Santana.

No dia 6 de janeiro, dia de Reis, culmina todo um ciclo de festividades relacionadas aos Três Reis Magos. Diz a tradição que quando Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar viram a Estrela de Belém no céu, foram ao encontro de Jesus, que havia nascido e, como oferenda, levaram ao menino Jesus, ouro, incenso e mirra, que simbolizavam respectivamente a realeza, a divindade e a imortalidade. Segundo a tradição, um Rei era negro, o outro branco e o terceiro moreno, representando, dessa forma, toda a humanidade. Muitos países celebram a data, e a Folia de Reis é comemorada de modo particular em cada região do Brasil.

O episódio da Visitação do Deus Menino pelos três Reis Magos, com

a grande quantidade de elementos simbólicos que comporta, gerou uma notável proliferação de interpretações artístico-religioso-populares por toda a Europa cristã, notadamente na Península Ibérica. A conquista portuguesa e a catequese nos novos continentes trouxeram o fenômeno para terras brasileiras, onde resultou em diversos modelos de organização, que são os reisados, ternos, as folias e cantorias de Reis (DANTAS, 2018, p. 172).

No Brasil, as folias chegam trazidas pelos colonizadores portugueses, com caráter mais religioso do que de diversão. Sob várias denominações, como Reisados, Ternos ou Cantorias, se tornaram uma das festas mais tradicionais e ricas do país. Geralmente ela acontece entre os dias primeiro e seis de janeiro, quando as chamadas *companhias* vão de casa em casa cantando os seus versos, muitas das vezes acompanhados de sanfona, violão, viola, triângulo, pandeiros e outros instrumentos como a rabeça e a caixa. Alguns participantes podem vestir fantasias, máscaras ou fardas, enquanto o restante dos componentes usa uniforme, ou apenas trajes comuns.

Presume-se que na cidade de Arraias, a Folia de Santos Reis chegou por volta dos anos 60 trazida pelo senhor Ferreirinha, que veio da Bahia e assim descrevia o processo: em primeiro lugar são selecionadas várias famílias da cidade, que assumem o compromisso de receber o pouso dos Santos Reis em sua casa. A folia é iniciada no dia 1 de janeiro e a recolhida acontece no dia 06 de janeiro. A companhia gira somente à noite, e mesmo avisadas muitas vezes algumas famílias são surpreendidas pela visita.

A folia de seu Ferreirinha é a mais tradicional de Arraias e se mantém até hoje graças à sua viúva, Dona Domingas, principal responsável pela companhia, que cede o local para o festejo que se inicia dia 1 de janeiro e finaliza no dia 6 de janeiro. Ela possui os instrumentos musicais necessários para o giro da folia e continua mantendo viva a tradição de cumprir a missão deixada pelo seu falecido marido: soltar a folia todos os anos.

O município de Arraias teve e ainda tem grande influência cultural das tradições trazidas pelos negros que aqui viveram, sendo que algumas dessas fortes manifestações são as diversas Folias que acontecem na região (Folia de Reis, Folia do Divino e Folia de São Sebastião), tais festejos estabelecem um rico diálogo entre o sagrado e o profano, entre as rezas, as danças e os folguedos.

Essa foi uma das maneiras que as pessoas encontram para se divertirem e, ao mesmo tempo, cumprirem suas promessas, pagando ou tentando alcançar uma graça divina, pois é comum nas festividades encontrar pessoas que fazem algum tipo de pedido ou promessa aos padroeiros, com a finalidade de superar alguma dificuldade ou obstáculo. Promessas são feitas para agradecer ou solicitar a cura de doenças, uma graça de difícil conquista ou pedindo sucesso nas plantações e demais atividades do campo.

Especificamente, a Folia de Reis assume importância fundamental para a cultura de nossa cidade. Como já foi dito, ela tem algumas variantes como a Folia de São Sebastião e a Folia do Divino, todas estas manifestações guardam semelhanças e além de trabalharem com o imaginário e as representações religiosas da população, se prestam a preservar os saberes e as tradições culturais da região e de um povo, que continua a realizar seus festejos não somente em Arraias como também nas cidades vizinhas.

Quando pensamos na relação com o ensino de Artes e/ou Música, as folias podem contribuir para inserir as manifestações populares na escola, mostrando para os alunos a importância da preservação da cultura e das tradições populares, colaborando para a transmissão e preservação desses conhecimentos, a fim de fazer com que as pessoas se apropriem dessas manifestações culturais que acontecem perto de si e que são elementos fundamentais próprios da identidade cultural local.

A atividade realizada nesse TCC também se insere como projeto vinculado a dois trabalhos de pesquisa, que buscam a catalogação e o patrimonialismo das festividades e saberes populares da região, desenvolvido por meio dos projetos Preservação Digital de Sonoridades e Músicas do Sul Tocantinense e Música: ensino, etnografias, desenvolvimento humano e social, que procura perceber e trazer tais manifestações não apenas para o estudo acadêmico, mas também propõe e viabiliza a realização destas atividades nas escolas regulares do município, da região e de outras localidades brasileiras. Para que isso ocorra é importante que se estude, compreenda e participe dos processos de salvaguarda. Desta forma, os alunos do Curso de Educação do Campo da UFT-Arraias têm papel preponderante nessa ação, pois são ao mesmo tempo alunos, acadêmicos e membros (filhos, netos

e bisnetos) das comunidades tradicionais, sendo muitas vezes participantes ativos nestas manifestações, tendo acesso direto às fontes primárias de informação.

Tenho uma história familiar dentro da Folia de Reis de Arraias e por este motivo a escolhi como tema principal de meu trabalho de TCC, que também remete às lembranças da minha infância, pois diversos familiares participaram da folia, chegando inclusive a organizar giros em outros locais do município ou no sertão da região, pois há um esforço e preocupação das pessoas para que a manifestação não se acabe.

Com esse trabalho, busco entender e aprender como funciona a Folia de Reis e registrar sua importância, deixando este legado para as gerações futuras, visando sua valorização cultural e contribuindo para salvaguardar as tradições culturais na preservação da memória, e dos saberes dos participantes do festejo.

Os dados obtidos são frutos de coletas realizadas ao longo de três anos de pesquisa ao lado da dona Domingas, pessoa responsável pela Folia de Reis em Arraias. Ela foi a principal interlocutora para fornecer informações sobre a festa, inclusive facilitando gentilmente o acesso a fotos e demais documentos sobre o histórico do festejo. A técnica de coleta de dados foi a observação participante, pois como membro do festejo minha inserção em campo está intimamente relacionada ao deslocamento e acompanhamento da folia juntamente com os foliões.

Não é o primeiro contato direto que tenho com a folia, já participei e participo de outras folias, fato que facilitou a descrição, o registro do processo e o acesso aos participantes da festa, permitindo realizar as entrevistas de uma maneira menos formal e mais participativa nos espaços utilizados para a manifestação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A Folia de Reis é o tema desse projeto de pesquisa, que visa estudar a cultura de determinado povo e suas tradições, observando seus costumes e representações. As folias são festividades realizadas por pessoas dispostas a contribuir para a preservação dos costumes e tradições populares.

O trabalho busca explorar história e significados da festividade, procurando conhecer e observar um dos grupos organizadores da folia, catalogando os instrumentos utilizados no processo da festa, observando seu papel na atividade e sua construção de acordo com a organologia musical.

A cultura brasileira é o resultado da miscigenação de diversos grupos étnicos que participaram e participam da formação da população brasileira (RAMOS, 2004). No entanto, esta diversidade cultural também é consequência da grande extensão territorial, que propicia uma diferenciação nas características das manifestações culturais de cada região do país e, ao mesmo tempo, traz aproximações notáveis entre estas manifestações.

Para Brandão (1984, p. 41-48) o conhecimento significa sabedoria popular, ou seja, é o conjunto de lendas, mitos, histórias, cantigas, crenças que vão cada vez mais enriquecendo a nossa história e o folclore, nasce de diversas manifestações culturais que não se podem ser transmitidas apenas pelos livros, isso inclui as folias que acontecem no Brasil e que são realizadas em cima de uma cultural local.

Uma das características mais importantes do folclore é a persistência, pois o que é criado e recriado se junta aos costumes da comunidade e são transmitidos aos descendentes dos indivíduos que viveram e vivem as manifestações folclóricas e isso nos mostra que apesar de estar sempre sendo recriado, ele é ao mesmo tempo consagrado, isto nos deixa concluir “que o folclore é vivo”, (BRANDÃO, 1984, p. 48).

A pertinência dessa pesquisa reside exatamente na intenção de estudar e revivificar esta manifestação cultural, perceber suas nuances, suas maneiras de fazer e, principalmente, de compreender a forma de transmissão de conhecimentos, procurando encontrar maneiras de trazer os saberes para as escolas, utilizando a música e a arte como elementos para o ensino, contribuindo para revivificar a cultura e as tradições populares.

Um dos possíveis olhares para este trabalho pode ser fornecido pela etnopedagogia, uma disciplina que estuda a forma de transmissão dos saberes tradicionais, a maneira que as pessoas encontram para passar seus saberes para as gerações futuras:

A maioria das culturas tem seus artesões especializados, seus contadores de histórias, seus sacerdotes, seus iniciadores, seus curandeiros, seus sábios, seus músicos e os seus pedagogos. Cada vez que uma dessas pessoas coloca em prática processos que permitam ao outro progredir na sua relação com um saber-fazer, nós podemos falar sobre pedagogia. Quando isso acontece de uma forma prática, sem teorização, e no contexto da necessidade, permanecendo o fato de que os conhecimentos tradicionais foram passados naturalmente com eficiência de uma geração a outra, de modo que se mantenham os seus repositórios da memória coletiva, lança-se a base de uma abordagem etnopedagógica (SANTOS, 2018, p. 29).

Ana Roseli Paes dos Santos, aborda a questão no trabalho *Etnopedagogia no ensino de instrumentos musicais: uma prática possível para a educação musical*. A questão levantada pela autora é encontrar o melhor processo de ensino e aprendizagem de instrumentos e cultura popular para as escolas do meio rural, que muitas vezes estão à margem dos sistemas educativos, mas que, por outro lado, possuem uma riqueza cultural incomparável no seu entorno.

O estudo refletiu sobre a possibilidade de

uma transcrição de processos nativos de ensino e de aprendizagem praticados em atividades musicais por grupos populares integrados às comunidades rurais, quilombolas e tradicionais, para professores especialistas, principalmente para as escolas do campo (SANTOS; SANTOS, 2018, p. 11).

Segundo a autora, a etnopedagogia é um ramo recente na área da educação e forma uma teia complexa da qual fazem parte conceitos de transmissão, de saberes de natureza, de interações, de organizações entre outros pontos, unidos no objetivo de compreender como é o processo de transmissão de conhecimento que se dá pelas “vivências de aprendizagem”, ou seja, experiências vividas por membros de uma comunidade, buscando a preservação de seus valores culturais.

O foco recai nos especialistas de cada comunidade: artesãos, contadores de histórias, benzedeiros, curandeiros, músicos e sábios e como estas pessoas transmitem de uma maneira prática seus conhecimentos.

É este o desafio que se apresenta para a análise das folias: compreender e saber como articular um sistema de relações socioculturais e multiculturais, procurando-se averiguar as possíveis implicações teóricas da etnopedagogia no ensino da música, verificando a possibilidade da transcrição de processos nativos de ensino e aprendizagem por meio de uma etnografia musical com a finalidade de aplicá-los nas escolas de ensino básico da região.

Jadir Pessoa também aborda esta forma de transmissão de conhecimentos em seu texto *Mestres de caixa e viola*. Embora ele não utilize a denominação etnopedagogia, fala das manifestações populares como práticas educativas e, apoiando-se em Brandão (1989, p. 18), utiliza o termo *processos sociais de aprendizagem* para explicar que:

As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar (PESSOA, 2007, p. 68).

Desta forma, afirma que a transferência de saberes dentro de um ritual ou de uma prática se dá dentro de um processo “de observação de alguém que faz e no esforço por fazer o mesmo” (PESSOA, 2007, p. 69).

O autor se refere à folia como um fenômeno com variações inerentes à própria manifestação, que se dá, segundo ele especialmente no corredor das bandeiras: São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. Estas variações são muitas, como utilizar ou não o pouso, ter ou não ter o palhaço (ou o boneco) etc. Mas reforça que, no que se refere à questão ritual, todas elas são coincidentes, pois “vêm atualizar a memória narrativa bíblica da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus” (PESSOA, 2007, p 70). Dessa forma, ainda segundo o autor analisado, o aprendizado mais importante e que é acessado por alguns poucos, dentro os iniciados na condução do ritual:

refere-se ao seu corpo, digamos, teológico e doutrinário. Normalmente é o embaixador ou mestre ou, ainda, o capitão de uma folia que é o portador do conteúdo axial do ritual. Ele o guarda, zela por sua observância e frequentemente toma a iniciativa de repassá-lo a um filho ou parente próximo (PESSOA, 2007, p. 73).

O mestre ou guia é o responsável por cuidar das normas, regras e dos códigos tradicionais da manifestação, faz isto amparado pelos foliões que o auxiliam nas orientações dadas aos visitantes, os fiéis ou destinatários do ritual, que têm de seguir regras estritas, pois no momento da visita a casa em questão se transforma em uma “Belém provisória” (PESSOA, 2007, p. 77). Nesse momento, o proprietário da residência é chamado de *patrão* e deve ser atendido em todas as suas vontades e gestos.

Jadir Pessoa exemplifica: se ele se ajoelha, seu gesto tem que redundar em novos versos, se ele põe uma oferta sobre a bandeira, o agradecimento tem que ser adequado, se ele pede um canto para uma pessoa falecida, a reza de um terço etc. Caso a residência possua um presépio (ou uma lapinha) instalado, deve haver mais versos que relacionem e mencionem tal fato.

Fred Dantas (2018, p. 117), em seu texto *Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia* também se refere ao chamado Reis da Lapinha, uma série de versos que narram os acontecimentos ligados ao nascimento de Jesus Cristo, que somente devem ser cantados em frente ao presépio, e menciona um verso comum a muitos reisados no Brasil:

Deus te salve ó Lapinha
Onde deus fez a morada
Onde mora o Cálix Bento
E a hóstia consagrada¹

Dantas faz um extenso trabalho no qual relata a Cantoria de Reis no município de Urandi, sudeste baiano. O autor pesquisou três conjuntos: o “reis de São José” e o “Reis da Istrela Incantada”, situados na área urbana da cidade e o “Reis da Água Branca”, um grupo da zona rural. Ele traçou uma importante etnografia relatando os cantos, as melodias da parte religiosa (Reis da Porta, Reis da Lapinha, Reis de Agradecimento e a Marcha de Saída), assim como da parte festiva (chulas, sambinhas e modas), estudando e relatando a construção dos instrumentos utilizados, bem como a ligação entre as crenças e as tradições populares.

¹ Dantas, Fred. 2018, p. 148.

O grande interesse que o trabalho traz é a utilização da Etnomusicologia como suporte teórico e técnico para a compreensão da manifestação da Folia de Reis, seu emprego como um método de estudo organizado e estruturado fornecendo meios para “esclarecer processos com base em comportamentos musicais” (DANTAS, 2018, p. 121).

Transmitir para as pessoas a importância das tradições e dos saberes populares, preservar e oportunizar a continuidade das diversas folias existentes na região é uma necessidade premente e um dos objetivos da pesquisa.

As folias existem há vários anos e sua continuação depende de pessoas que ainda acreditam e sempre acreditarão na bênção e na proteção do Divino. É importante que se estude estas manifestações e este trabalho é uma das oportunidades de observar, registrar, catalogar e pesquisar estes festejos.

Como diz Pessoa (2007, p. 70), é difícil definir o objeto, por mais elaboradas e ilustradas que sejam, tais definições ainda significam muito pouco perto da profundidade com que os sujeitos envolvidos no processo a descrevem. Para os foliões a manifestação se explica com a própria vida, com a missão que Deus deixou para cada um deles cumprir. Desse modo os participantes repetem o mesmo percurso dos Reis. Desde a época do nascimento de Cristo, cabe a eles, em uma missão de vida, levar os reis de casa em casa.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi feita com o intuito de registrar e procurar compreender como se dá a Folia de Reis em Arraias (TO), no tocante ao aspecto cultural e religioso, como esta tradição é mantida, quem participa, quem dá suporte material e financeiro e quais pessoas são atingidas pela manifestação.

A partir desta perspectiva a intenção, é perceber a importância da folia para estas pessoas e para este segmento da sociedade da região, seu papel na formação cultural dos indivíduos e como se dá o processo de transmissão dos saberes de geração para geração. Desta forma, com base nesses objetivos e no tema inicial, a aproximação com as técnicas etnográficas é bastante lógica.

Sendo assim, pressupõe-se que o investigador examine padrões de comportamentos, costumes e modos de vida de um determinado grupo de pessoas (COUTINHO, 2013, p. 347), valorizando a compreensão dos significados culturais para o grupo; a inserção do pesquisador no contexto da pesquisa; a diversidade de técnicas para a recolha de dados e a compreensão de uma manifestação com origem em uma perspectivaêmica (de dentro) e ética (de fora)

O paradigma empregado foi o qualitativo ou até mesmo o interpretativo que, segundo Coutinho (2013, p. 17), pode apresentar múltiplas possibilidades de interpretação e valoriza o papel do pesquisador como construtor do conhecimento, priorizando a compreensão e diminuindo a importância da explicação.

Na pesquisa em questão, uma estratégia importante a ser mencionada é o emprego do estudo de caso interpretativo, no qual se procura compreender como é o fenômeno estudado pelo ponto de vista dos participantes, no caso os integrantes da folia. Para isso, o pesquisador se insere no grupo e atua com liberdade de observação, fazendo mesmo parte do grupo, o que neste caso é se aproxima também da observação participante, que é a forma de pesquisar em que o observador passa a fazer parte ativa da manifestação.

Inicialmente, o projeto apresentou os seguintes objetivos: a) explorar a história e os significados da Folia de Reis em Arraias (TO); b) fazer o levantamento das músicas utilizadas na Folia de Reis desse município; c) compreender e analisar a relevância desta festividade para a cultura local; d) buscar conceitos e significados que estas manifestações trazem para a cultura local; e e) propor estratégias da

etnopedagogia e da organologia para a realização do ensino de música e de folclore nas escolas públicas ou nas escolas do campo da região.

No entanto, alguns desses objetivos foram alterados, especialmente porque a pandemia de covid-19, que assolou o país nos anos de 2020 a 2022, dificultou em muito o trabalho de campo a ser realizado pelo aluno.

As atividades das folias foram totalmente suspensas no ano de 2020 e em 2022 foi feito apenas o arremato. As reuniões para entrevistas e conversas também ficaram prejudicadas, sobretudo se considerarmos que os participantes e organizadores da folia são pessoas idosas e que fazem parte do grupo de risco para a doença.

Como procedimentos foram realizadas as seguintes atividades:

- 1) Pesquisa bibliográfica com a finalidade de dar base teórica para o trabalho;
- 2) Observações, realizadas durante os chamados “giros” da folia, ou seja, o pesquisador acompanhou o cortejo pelas casas observando de perto como funciona o ritual, qual a reação das pessoas e quais os ordenamentos, os padrões adotados pelo guia da folia e pelas pessoas que recebem a manifestação em suas casas. Esse procedimento foi realizado, sem a intervenção do pesquisador na manifestação, embora tenha registrado o evento por meio de fotos e vídeos, procurou ser isento, deixando a festa acontecer com naturalidade.

As observações seguiram uma agenda feita com as datas e locais da Folia de Reis (pouso da folia). Foram realizados seis dias de observações, com o pesquisador analisando, observando e registrando a forma de agir dos participantes, suas vestimentas e quais as funções que cada um exerce dentro do cortejo.

Para as observações, foi utilizado um caderno e caneta para escrever e descrever as etapas ocorridas durante o processo da folia, incluindo falas, nomes e situações visualmente observadas pelo pesquisador. Para o registro de fotos e vídeos, foi usado um aparelho celular pessoal, com a finalidade de documentar as imagens necessárias para construção desse trabalho.

- 3) Entrevistas semiestruturadas com foliões e organizadores, com a finalidade de registrar o festejo. Para isso, foram utilizadas anotações e registros de áudio e vídeo. Foram entrevistados os organizadores, os participantes e os músicos. A opção por entrevistas semiestruturadas favoreceu a obtenção de respostas espontâneas e uma proximidade maior entre o pesquisador e os entrevistados,

assim como o fato de o pesquisador fazer parte da folia, o que também favoreceu bom entrosamento e naturalidade, pois os entrevistados o conheciam.

Foram entrevistadas quatro pessoas, que se mostraram as mais representativas dentro da manifestação, e, como já foi mencionado, o acesso direto do pesquisador a elas, facilitou o diálogo, conseguindo, dessa forma, deixá-los mais à vontade no momento da entrevista.

Foram entrevistados: a responsável pela festa, dona Domingas Santana Pontes. Com ela foi possível obter informações sobre o histórico da folia, que foi trazida para Arraias, pelo seu esposo, já falecido, senhor Alcides Pereira da Cruz (Sr. Ferreirinha).

Também foi entrevistado o senhor Felício Guedes, artesão, *luthier* que constrói artesanalmente vários dos instrumentos musicais utilizados na festa, como caixa e pandeiro. O senhor Felício também toca estes instrumentos no giro da folia.

Outro entrevistado foi o senhor Jaime Cirino, conhecido popularmente como Jaime Bala, filho de foliões e que preserva, até os dias atuais, a tradição de participar da folia. O Senhor Jaime toca pandeiro e caixa, já foi organizador e tocador em outras folias que acontecem na zona rural. Ele é muito conhecido no sertão, tendo grande importância na valorização e preservação da folia em Arraias, pelos saberes e também pela facilidade de lidar com outras pessoas da mesma idade ou da mesma época. O senhor Jaime inclusive chegou a conhecer o senhor Ferreirinha, esposo de dona Domingas, responsável por trazer a folia para Arraias e por construir o centro espírita onde funciona o espaço de devoção da folia.

Outro entrevistado com presença importante foi o senhor Márcio Brito, conhecido na cidade como Márcio rezador. Ele é aluno do curso de Educação do Campo da UFT-Arraias, é filho de foliões e herdou de seu pai o conhecimento das danças e dos cantos tradicionais, toca pandeiro e possui bons conhecimentos sobre muitos cantos e rezas da folia, além de participar de outras folias, como a de São Sebastião.

É importante agradecer a estas pessoas pela disponibilidade de seu tempo e por aceitarem fazer parte desse trabalho, autorizando-nos a utilizar seus depoimentos.

Além das entrevistas mais longas, com estes importantes membros da folia, foram realizados contatos esporádicos e eventuais com alguns colaboradores, para

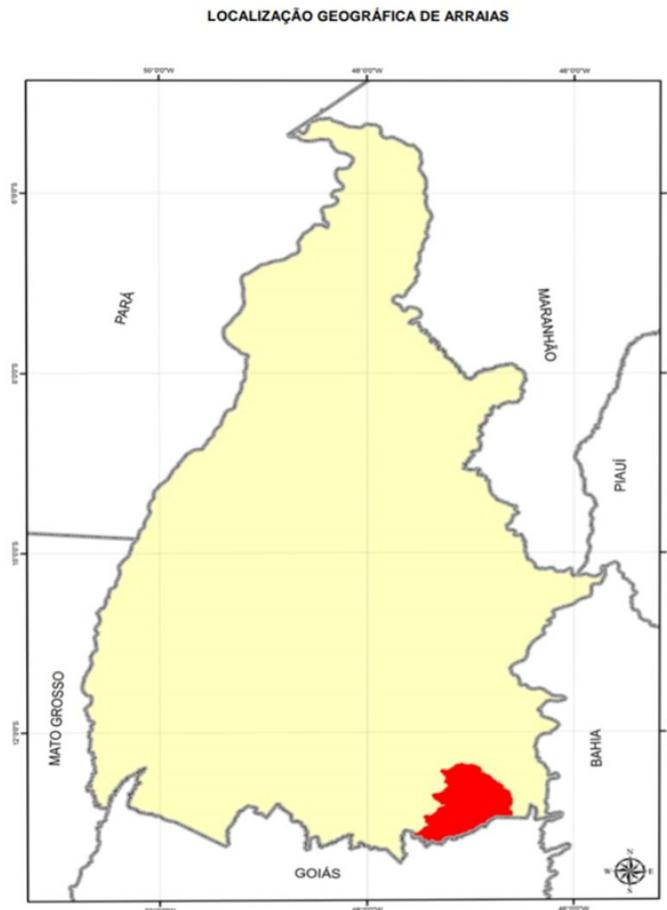
tirar dúvidas, rápidas conversas e obtenção de material histórico (registros de fotos etc.). A contribuição histórica dessas fotos é muito significativa, pois por meio delas é possível seguir um encadeamento cronológico e, desta forma, perceber e registrar as transformações que a manifestação sofreu durante sua história.

É importante destacar e salientar que foram tomados cuidados com relação aos aspectos éticos relacionados à autorização para utilização de imagens e depoimentos. No caso dos depoimentos gravados, a autorização encontra-se registrada oralmente no final de cada seção de gravação.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Descrição do local estudado

Figura 2 – Localização de Arraias no estado do Tocantins



Fonte: TOCANTINS, 2017, p. 9.

De acordo com o perfil Socioeconômico (TOCANTINS, 2017), o município de Arraias está localizado no Sudeste do estado do Tocantins. Sua origem está estritamente ligada à mineração. Por volta de 1736, foi descoberto um garimpo de ouro na Chapada dos Negros. Para lá afluíram grandes contingentes de escravos provenientes de São Paulo e da Bahia.

Localizada exatamente na divisa entre os estados de Goiás e Tocantins, é a primeira cidade, quando adentramos o território tocantinense, vindo pelo Sudeste (rodovias GO-118 e TO-50). O estado é o mais jovem da federação brasileira, com 31 anos. Criado em 05 de outubro de 1988; a partir de uma divisão territorial que se deu por meio de várias lutas e manifestações em prol da emancipação do então “norte goiano”. A criação do estado não é uma reivindicação recente, mas secular,

fruto de muitos anos de insatisfação com o abandono político e administrativo ao qual a região vinha sendo submetida:

a criação do estado do Tocantins, 1988, legitimou um projeto de autonomia que expressava as necessidades econômicas e político-administrativas de seu próprio tempo, mas trazia também as falas de outras gerações e seus projetos inconclusos. Entretanto, o projeto que se viabilizou em 1988 não pode ser reduzido ao desfecho de uma experiência vitoriosa do projeto articulado, em 1821, por Teotônio Segurado e Felipe Antônio Cardoso. As condições de 1988 são inéditas no plano das relações sociais, econômicas e político-administrativas (CAVALCANTE, 2003, p. 13).

Cavalcante crê que o ano de 1988 foi um momento essencial de culminância da luta separatista:

momento mais recente de elaboração de proposta de autonomia do norte de Goiás. Mostram as alianças partidárias dos representantes políticos de Goiás durante o percurso de apreciação dos projetos do Estado do Tocantins na Assembleia Nacional Constituinte, instalada em 1987 (ibidem, p. 17).

Desta forma, o município nasceu e permaneceu em território goiano por mais de duzentos anos, seu núcleo aurífero principal era a Chapada dos Negros, distante 3km do centro da cidade e local muito conhecido pela intensa exploração de ouro durante o século XVIII.

Suas fronteiras geográficas estão delimitadas por Conceição do Tocantins, Taipas e Taguatinga ao norte. A leste estão Novo Alegre, Combinado e Aurora do Tocantins. A oeste está a cidade de Paranã. Ao Sul, o município se limita com o estado de Goiás pela ponte do Rio Bezerra, que faz a divisa entre municípios de Arraias e Campos Belos. Logo na entrada de um posto de fiscalização rodoviária, existe um monumento erguido pelo governo em homenagem à passagem da Coluna Prestes², quando Arraias serviu de passagem para os soldados revolucionários.

² Coluna Prestes, foi um movimento revoltoso organizado por tenentistas que percorreu o Brasil entre 1925 e 1927, combatendo as tropas dos governos de Artur Bernardes e Washington Luís durante a Primeira República. O principal motivo para a criação do movimento foi a insatisfação com a República Velha e suas reivindicações foram a exigência do voto secreto, a defesa do ensino público e a obrigatoriedade do ensino secundário para toda a população, além de acabar com a miséria e a injustiça social no Brasil.

Segundo informações do Governo do Estado do Tocantins (TOCANTINS, 2017), as primeiras ruas do povoado foram formadas pelos moradores a partir do povoado denominado Arraial de Nossa Senhora dos Remédios. Depois o nome foi mudado para Boqueirão dos Tapuios e finalmente Arraias, nome atual da cidade, que guarda consigo várias riquezas em termos de cultura, tradições e costumes, passado que nos remete a um tempo de séculos atrás, com as lembranças trazidas pelas paredes das casas antigas, construídas com adobe; as cercas de pedras, muitas delas feitas negros, ruas estreitas e ladeiras que emolduram o cenário da cidade (visto que a cidade é a mais alta do Tocantins), sua população atual é de aproximadamente 11 mil habitantes³, cuja maioria é afrodescendente.

A exploração aurífera na Chapada dos Negros, contribuiu com a caracterização da identidade arraiana, Apolinário afirma que:

na sociedade escravista de um pequeno arraial do norte de Goiás denominado Arraias, ora minerador, ora voltado para a economia de subsistência, procurou-se identificar estratégias que revelassem a criatividade dos escravos de resistirem de múltiplas formas ao sistema escravista instalado [...] universo este em que o ouro, a escravidão e a resistência faziam parte de uma mesma conjuntura histórica (APOLINÁRIO, 2007, p, 113).

A questão cultural é fundamental para a compreensão das relações de poder e religiosidade na cidade, que resistiu à modernização política e institucional e conservou as velhas raízes do coronelismo, fato que reforça a simbiose entre o sertão e a cidade, entre o sertanejo e a cultura e se faz presente na música, nas danças, no artesanato, na culinária e, por que não, também está presente na festividade de Reis.

Essa cultura está presente desde o tipo de casas visitadas, os patrocinadores da festa e dos pousos e se estendendo até a culinária, como a confecção do bolo de arroz, da paçoca, da farinha sertaneja, feita de mandioca, da peta⁴, do enroladinho, da carne de sol, dos licores, da cachaça arraiana e do arroz com pequi.

³ De acordo com o censo IBGE 2010.

⁴ Peta é, tradicionalmente, o nome que se dá ao biscoito de polvilho em algumas regiões do país.

4.2 Dados das observações

O primeiro período de observações aconteceu entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019. O segundo ciclo foi iniciado em 1º de janeiro e se estendeu até o dia 6 de janeiro de 2020. Foi possível observar que a maioria dos participantes são pessoas de meia idade ou idosos. Percebe-se que há uma ausência de jovens. A saída da folia acontece na casa da organizadora, dona Domingas Santana, que é a responsável pela organização da folia. Desse ponto, então, começa o ciclo de visitas às casas para bênção e coleta de esmolas. Para que os festejos possam acontecer, é necessária uma grande participação das pessoas, que ajudam nos preparativos, oferecem suas casas para que a folia visite ou até mesmo oferecem a casa para o pouso.

E o encarregado que é o dono da folia, ele tem vez que o dono da casa pede o pouso fala que esse ano eu quero que a folia posa lá em casa, ou então o encarregado sai de casa em casa perguntando se a pessoa aceita um pouso, mais aqui em Arraias sempre já tem as casas escolhidas dos pousos de todo ano (Márcio Brito, informante).

Segundo o senhor. Felício Guedes:

Quem escolhe é o arfelo, é o arfelo que saiu pedindo os pontos de agasaia... Se ele pode dar o pouso, sendo pertencente da divindade, tudo bem e se não podê a bagagem é pra isso, pra fornecer no que precisar (Felício Guedes, informante).

Sendo assim, se o arfelo conseguir uma casa que forneça alimentação e pouso adequado, melhor, se não conseguir, a “bagagem” da folia será utilizada para suprir a carência.

Outra questão importante na folia dentro da Cidade, é a necessidade de obtenção de dois alvarás. Perguntamos, como funciona a documentação para a liberação da Folia de Reis:

Lá no sertão não, no sertão não precisa de documentação nenhuma, aqui em Arraias precisa da autorização da Igreja e da polícia militar... Igreja Católica (Márcio Brito, informante).

O senhor Jaime Cirino, explica melhor a questão:

Não tem documento, às vezes de poucos anos pra cá, devido ao pessoal estar muito... agressivo, às vezes eles vai na delegacia... vai

na igreja, pede ao padre a licença né, tirar a licença pra pôr a folia. Aí como o pessoal pouco tempo está muito agressivo, às veis eles vai no quartel, tirar a licença também no quartel, que qualquer coisa a polícia, já tá sabendo, vai corrigir (Jaime Cirino, informante).

O senhor Felício também confirma que é necessário a retirada da licença tanto na igreja, como na delegacia:

Tem o documento a licença, qualquer folia, igualmente hoje, você tem um voto a cumpri, qualquer coisa, fazer uma festa, você tem que tirar a licença com o padre e ir na delegacia tirar a licença. Só com a ordem do padre, porque... pra rebater, tamém... ôce tirando uma licença... ôce não preocupa com briga, com rolo que tem pra lá. A autoridade é que é responsável, porque ôce tirou licença, se ôce não tirou licença... a autoridade já te castiga... (Felício Guedes, informante).

A escolha do guia da Folia de Reis vem por meio do conhecimento adquirido durante toda sua trajetória como participante principal da folia. Dessa forma é escolhido o folião mais velho e mais sábio em relação aos cantos e até mesmo em relação aos conhecimentos da execução dos instrumentos.

Uai, no dia, né, o dono da Folia, na casa de onde a folia vai sair, aí a gente escolhe o guia, através assim... sempre o folião mais antigo, é... o folião mais sábio, ele sempre é escolhido pra ser o guia (Márcio Brito, informante).

Quando o cortejo chega a uma casa, é feito o canto de chegada, realizado no lado de fora da residência, os donos devem manter a porta fechada até que os foliões terminem o canto; então as pessoas de fora pedem para o dono da casa abrir a porta cantando por duas vezes este refrão:

abre a porta que estou no sereno
porque sou de manteiga e estou derretendo

O canto de chegada deve se adequar a cada configuração familiar. Por exemplo, se o dono ou dona da casa for solteiro, o canto de chegada é construído com versos de uma determinada forma. Se a residência pertence a um casal, os versos têm outra forma; o mesmo se dá no caso de que a dona da casa seja viúva, há um canto determinado para essa situação. O canto de chegada também é diferente para a casa onde será realizado o pouso.

Ao abrir a porta, os moradores beijam a bandeira reverenciando os Santos; em seguida um representante da família pega a bandeira das mãos do arfelo (alferes) e leva para dentro da residência, abençoando todos os quartos da casa. Em seguida, a bandeira fica guardada na sala da casa. Caso exista permissão, são realizados cantos de roda e se dança até mesmo a súa. Depois, é passada a esmola ao folião encarregado, que a recebe e a passa para o bagageiro, mas existe um detalhe: se a pessoa que está doando amarrar o dinheiro na bandeira este permanecerá nela até o último dia da folia, sendo que todo dinheiro que estiver amarrado nos cordões da bandeira fica em posse do proprietário dela, que nem sempre é a pessoa que soltou a folia, algumas vezes o dono da bandeira é outra pessoa que auxilia na realização do reisado.

A maioria das casas que recebe a visita da folia reserva alguma comida e bebida para os foliões: café, bolo de arroz, peta, enroladinho, sucos, refrigerante e até mesmo uma bebida alcoólica (vinho e aguardente) para animar e esquentar os foliões. Esta rotina se repete em quase todas as casas que a folia passa, até chegar à casa do responsável pelo pouso que também tem o mesmo ritual. Nessa casa, onde a bandeira fica até o dia seguinte, acontece o jantar, com uma grande variedade de pratos. Depois da janta, acontecem as brincadeiras de roda, as danças e a súa.

4.3 Relatos das observações – ciclo de passagem da folia

No dia 1 de janeiro de 2020 às 18h00 horas, todos os foliões se reuniram no centro espírita, incluindo participantes como 1 caixeiro: senhor Leônidas Quirino; 1 violeiro para tocar a viola ou violão: senhor Arnaldo Silva; 1 guia mestre: senhor Lino Alves; 1 alferes, conhecido em algumas regiões como bagageiro, responsável pela guarda dos mantimentos, tralhas (traias) e acessórios e do dinheiro arrecadado no giro; e mais 4 foliões que ficaram responsáveis por tocar pandeiro. A organização da festa é feita pelo mestre, esse é o principal personagem da folia, pois ele organiza o trajeto, o horário e os instrumentos para sair com o grupo. Em algumas regiões ele também é chamado de “embaixador”, que é o responsável por toda a logística da passagem da folia.

Figura 3 – Senhor Leônidas Quirino



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020

Figura 4 – Senhor Arnaldo Silva



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020

O giro tem início no Centro Espírita Caminho de Luz, um espaço fechado localizado na Avenida Juscelino Kubitschek (rua quatro), local que também é a residência de dona Domingas. Ali os participantes se reúnem para conversar, se organizar e afinar seus instrumentos; ali também estudam um mapa com a sequência dos pousos que serão feitos durante o giro.

Dona Domingas esclarece que segue um pedido do senhor Ferreirinha, que é soltar a Folia de Santos Reis. Ele veio da Bahia, trazido por conta de sua profissão de ferreiro. Quando chegou, ele foi convidado a fazer duas funções: registrar um centro espírita e soltar as folias, conforme relata dona Domingas:

Quando ele veio, aí foi logo seu Carlos Alves, foi lá no doutor Joca, conversou que aqui precisava, pois não tinha nem o centro nem folia, aí ele ainda deu uma ajuda pro Ferreira, pra Ferreira registrar um local pra fazer um centro primeiro né (Dona Domingas, informante).

Em seguida, é oferecida alimentação, que consiste em arroz, feijão, carne, macarrão, farofa de frango, salada e costela cozida, além de bebidas como refrigerantes, sucos e café. Os alimentos são feitos pela dona Domingas, com o auxílio de voluntários, amigos e parentes, muitos deles também oferecem contribuições na forma de dinheiro ou produtos.

Após a refeição, tem início a folia. O cortejo sai pelas ruas, com os músicos tocando seus instrumentos. Nesse momento, a caixa é o principal, pois tem bastante volume e anuncia o grupo, que é seguido por 30 a 50 pessoas. O encarregado da bandeira usa uma roupa específica, um terno ou blazer, com a finalidade de se diferenciar dos outros foliões e também para demonstrar a importância de sua função. O restante dos participantes usa camisa social, chapéu ou até mesmo bonés.

Mas em seu depoimento dona Domingas, chama a atenção para o fato de que se a pessoa quiser mandar confeccionar um conjunto de roupas específico para o giro, este deve ser azul claro, no caso da Folia de Reis, para o Divino é vermelho, ou roxo, mas é vermelho, São Sebastião é branca.

Qualquer pessoa pode participar da Folia de Reis, todo mundo que se achar interessado, pode participar (Márcio Brito, informante).

Qualquer pessoa é da divindade, acompanhou ele participou, ele é... a mesma função, ele é a mesmo povo da divindade, porque tudo é filho de Deus (Felício Guedes, informante).

Há uma organização na folia, composta de dois grandes momentos: a chegada dos foliões na residência visitada e a celebração ao menino Jesus e aos Reis Magos. O primeiro momento é composto de cantoria para o proprietário da residência e pela entrega da bandeira ao patriarca e/ou matriarca da festa, que naquele momento são as pessoas que estão recebendo a folia nas suas casas.

O segundo momento é chamado de louvação, que é constituído pelos louvores entoados em homenagem ao menino Jesus e aos Reis Magos, a louvação aos moradores da casa, pedido de esmolas e agradecimentos.

Muitas vezes, se o dono da casa pedir, os foliões entoam outras músicas como a súplica. Nesse caso, se for possível, os móveis são tirados para algum canto e há danças.

Sai daqui [do centro espírita] caladinho, quando chega lá na casa que for cantar e canta, chega com as portas fechadas, aí canta, manda quem tá lá dentro oiá, abre a porta, acende a luz, pra Santo Reis entrar [...] muitas casas que o dono da casa interessa aí bate a roda... o sussa (dona Domingas, informante).

Figura 5 – Folia reunida no Centro Espírita Caminho de Luz



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020

São visitadas uma quantidade de 15 a 20 casas por noite, até chegar no pouso definitivo, todas casas recebem a folia de portas fechadas. Ao chegar à frente da casa, é iniciado o canto de chegada, conhecido como Canto Geralista:

E o encarregado que é o dono da folia ele, tem vez que o dono da casa pede o pouso fala que esse ano eu quero que a folia posa lá em casa, ou então o encarregado sai de casa em casa perguntando se a pessoa aceita um pouso, mais aqui em Arraias sempre já tem as casas escolhidas dos pousos de todo ano (Márcio Brito, informante).

Dona Domingas explica:

O arfelo, o bagageiro, que nem aqui, se eles quiser, pousada, acolá, aí eles vem aqui: Dona Dominga, a Senhora pode dar um pouso, pra Folia do Divino, São Sebastião, se eu puder, eu graças a Deus nunca neguei, “posso” [...] que Folia do Divino é assim, só sai do pouso depois do armoço, que canta o bendito e a despedida né (Dona Domingas, informante).

Na folia de Arraias, o canto registrado foi esse. É importante notar que o canto é genérico e deve ser adaptado pelo mestre à situação da residência, da família, da profissão do morador etc.:

*Oi muito de haver o mundo o pai eterno já existia
Oi foi o primeiro sem segundo que fez o mundo com 6 dias
Com seis dias Deus fez o mundo com 7 ele circulou
E nas escrituras sagradas os mandamentos ele deixou*

*Gira o sol e gira a lua trás o mundo seculado
E também gira santo Reis na bandeira retratado
É na bandeira retratado e hoje veio lhe visitar
E também vem pedir a esmola e a quem for servidor da ...*

*Santo Reis lhe pede esmola e manda nós para receber
Oi ele pede aqui na Terra e no céu vai agradecer
Quando der sua boa esmola não diga que deu perdida
O que ele promete não falta e ele aumenta os anos de vida*

*Santo Reis visitou o mundo logo nos primeiros dias
E cá na terra ele gira a noite lá no céu gira de dia
Santo Reis desceu do céu entre as luz e as estrelas
Para vim girar na terra retratou-se na bandeira*

*Oi a estrela de Jacó acompanhou os oriente
Vem trazendo as luzes divinas do nascente para o poente
Jesus nasceu em Belém, com Virgem de Nazaré
Com as 25 profecias que Deus deixou para Noé*

*Santo Reis foi os primeiros que a Jesus foi visitar
Oi o rei pastor Belchior rei Gaspar e Baltazar
Me faltou com uma palavra Deus me dê uma advertência*

Para nós poder cantar pedimos nossa licença

*Santo Reis em vossa porta rezando suas orações
Ele desceu do céu para terra para saldar um folião
Deus o salve o folião desta mesma irmandade
O seu nome está por escrito no livro da eternidade*

*No livro da eternidade quem assinou foi Jesus Cristo
Foi nossa senhora quem leu registrando seu serviço
Deus salve o violeiro que aprendeu pela memória
E conta os mandamentos de Deus pela corda na viola*

*Pelas cordas da viola ele sempre serve a Jesus
E cada passo que dá na Terra lá no céu Deus acende a luz
O que presença tão bonita que apareceu em boa hora
Na frente dos três Reis santo marido com sua senhora*

*É o marido com sua senhora e a senhora com seu marido
Para receber o canto está presente os dois unidos
Está presente os dois unidos com seus filhos acompanhado
Entre o mar o céu ela Terra estejam hoje abençoado*

*Da cepa nasceu a rama na rama o cravo e a flor
26 letras são princípios que forma todos os professores
Deus salve a professora com sua memória gravada
Você ensina seus alunos dentro do salão de aula*

*A Coroa de Deus pai dos alunos seja doutrina
Deus ajuda que aprende que é para dar gosto a quem ensina
Atendei o moço solteiro zelador de suas pessoas
Pega e roga aos três Reis Santos que é pra lhe dar uma sorte boa*

*E estes anjinhos que estão crescendo Deus lhe faz filhos cristão
Se for mulher uma boa senhora dos um homem um bom cidadão
Rezamos as santas palavras e lá do céu já foi ouvida
Rezamos do céu para terra e saudamos a família unida
Uma família reunida pede Deus o que deseja
Depois dos anos completo no reino do céu se veja
Deus o salve a morada Alegre aprumada pela memória
E muitos anos viva nela o marido com sua senhora*

*Quem se cobre com a bandeira ajoelha quem está lá dentro
Ajoelha para receber é de Deus a santa benção
O devoto penitente de longe vem cansado
Cumprindo sua promessa com nosso pai da verdade*

*Deus lhe pague sua boa esmola que vai dar para Santo Reis
Se der boa vontade
Paro ano ele pede outra vez*

*Abre a porta que eu tô no sereno abre a porta que eu tô no sereno
Que eu sou de manteiga que eu tô derretendo que eu sou de manteiga e eu tô derretendo
Abre a porta que eu entro.*

(Márcio Brito, informante)

Depois deste canto, o responsável pela casa abre a porta deixando o grupo entrar na sua residência. Nesse momento é feito o canto de roda para o dono da casa; em seguida todos se juntam para conversar sobre a folia ou sobre quaisquer outros assuntos; esse é o momento em que o dono da casa oferece alguma merenda, como água, café, bebida alcoólica e alimento. Esse processo se repete em todas as casas que a folia de reis visita.

Ao se retirarem, o proprietário da casa devolve a bandeira e os foliões agradecem a acolhida, repetindo o gesto da entrada. O guia reúne os foliões que eventualmente estejam dispersos e se inicia mais uma caminhada para visitas, passando para a próxima residência. Esse padrão é seguido até todas as casas da região serem visitadas, ou até amanhecer o dia.

Ao contrário do giro, que acontece no “sertão”, quando a folia fica reunida todo o tempo, o pouso em Arraias serve apenas para acolher os foliões com um lanche final e armazenar os instrumentos e a bandeira, guardando-os para o próximo dia. Isto se dá porque as pessoas moram, ou estão alojadas na mesma cidade, geralmente umas perto das outras. Dessa forma, após o café da manhã todos vão para casa, retornando a partir das 18h00 para dar início a um novo dia (no caso noite) de giro, rotina que se repete nos seis dias de folia.

O primeiro pouso da Folia de Arraias, no ano de 2022 foi na casa da senhora Jurema Jacundar. Ele se deu no dia 02 de janeiro, às 4h40 da manhã, quando os foliões foram recebidos com café da manhã, com alimentos como bolo, pães, café, peta, dentre outros.

É importante destacar que as prendas e/ou ajudórios oferecidos pelos donos das casas de pouso e pelas casas visitadas podem ser ofertadas em dinheiro ou alimentos, o dono da casa ou quem participa da folia decide o que dar como oferenda. Esses ajudórios são arrecadados para a realização da entrega da Folia de Reis, no dia 6 de janeiro. Quando o ajudório é dado em dinheiro é colocado no altar em frente à bandeira, agradecendo pela benção divina da folia, mas caso a família não tenha condições de dar o ajudório, a Folia agradece da mesma maneira, pela recepção e os abençoa da mesma forma, já que para a Folia o mais importante é a boa intenção que existe entre os foliões e a família que os recebe.

O dinheiro sempre dá pro encarregado pra pagar as despesas que ele gastou... que num dá... que não dá não, mas já dá uma ajuda né, que a esmola não dá pra cobrir a despesa que gasta com a Folia [...] às veiz eles dão um agradinho pros folião né, um agradinho, mixaria, a gente vai não é pra ganhar dinheiro, a gente num gira pra ganhar (Jaime Cirino, informante).

O senhor Felício Guedes dá uma outra interpretação para esta distribuição:

*O dinheiro arrecadado é o seguinte, se ocê faça um voto com a divindade, o recadado, o que recadar o dinheiro é dividido entre a “groja” dos foliões e os outro é da igreja, se der 300 reais, 150 é da igreja, 150 procê dividir com o terno. E se der mil, o que der é dividido... Aqui o informante cita uma pessoa mas vamos omitir o nome por questões éticas: *É só fulano que não dividia, com os folião, prometia que ia fazer o agrado pros folião e no final... por isso aí ó a situação que ele ficou, acabou... brincou... o gado que dava pro santo... se você faz um canto no curral [...] se você pede pra fazer um canto de curral, o gado que ocê der é vendido para dividir com o terno, agora se você der e falar assim: esse aqui é da igreja, de uma divindade... a marca dele, todo gado (doado para o) santo a marca é uma cruz... fora a parte, não é de fulião, não é de ninguém e tem que ir pru caderno, anotado, chega lá apresenta pro padre (Felício Guedes, informante).**

Figura 6 – Giro da Folia, durante a noite



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020

Dona Domingas reforça a fala dizendo que o dinheiro arrecadado é repartido com os seis foliões, o resto que sobrar é da igreja, que ela não fica com nada. A única coisa que fica para ela são as coisas que o povo doa para fazer a comida da entrega (arremato).

Na tarde do mesmo dia 2 de janeiro, a folia está abrigada na casa de Jurema Azevedo Jacunda, por volta das 18h00 é servido um jantar, acompanhado de bebidas, como suco, café e refrigerantes; depois da janta é feito o canto da despedida:

Senhor dono da casa chegou a hora da partida.
Santo Reis está na sala para rezar a despedida.

Vamos cantar a despedida, despedida nesta hora.
Despendido do povo todo de senhores e senhora.

Despedida, despedida, despedida, por esse ano
E quando for daqui 12 meses os 3 Reis Santos voltam girando.

Despedida despedida despedida de Belém.
Despendido do pessoal é até pro ano que vem

Oi até pra o ano que vem os despedida de São Francisco.
Oi leva e ele deixa todos na paz de Cristo...

Em todos os pousos, os participantes fazem ofertas de diferentes valores, a bandeira é beijada pois os devotos acreditam e têm fé na bênção de Jesus. Depois do jantar e de eventuais danças e cantos no pouso, a folia sai para o giro, por volta de 20h30, visitando novas casas até chegar no próximo pouso que foi feito na casa de Dorivan Iracon dos Santos Moreira. Nessa noite a chegada foi por volta das 5h30 da manhã. O processo se repete no dia seguinte, 3 de janeiro, quando a folia parte com destino ao próximo pouso, a casa de Dalcy dos Santos da Cunha.

Na residência de Dalcy, a folia chega também por volta das 5h30 da manhã do dia seguinte, 4 de janeiro, o processo se repete e o próximo pouso é na casa de Ireny Alves Araújo, chegando, finalmente à casa do senhor José Antônio da Silva, último pouso da folia, já no dia 6 de janeiro, por volta das 5h da manhã. O senhor José, assim como muitas outras pessoas, paga uma promessa de disponibilizar sua residência, quase todos os anos, para abrigar o pouso da folia.

No último dia, a folia deixa a casa do senhor José em direção ao Centro Espírita Caminho de Luz. Nesse dia foi possível perceber que várias pessoas se

juntaram ao grupo. Estes novos participantes são visitantes e devotos, oriundos de outras cidades, como Brasília, Campos Belos e Goiânia e até mesmo do sertão, zona rural, que não podem participar de todos os dias do giro, mas vem para Arraias para tomar parte na entrega da folia.

Figura 7 – Arremato (entrega) da Folia, na noite de 6 de janeiro



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020

Ao chegar no templo, a folia entra cantando juntamente com a bandeira, convidando os participantes para adentrar no espaço. Ali os foliões cantam e rezam juntamente com os participantes, muitos fazem ofertas de esmolas, oferecendo um valor em dinheiro para os Santos Reis, ajoelham-se e beijam a bandeira, pedindo bênção ao Senhor.

As pessoas vão chegando e se acomodando ao redor do altar, muitos beijam os santos que estão na mesa. Antes de iniciar a reza, é colocado um tapete ao lado do altar, nele o rezador fica junto com algumas pessoas, a duração da reza depende do dono da reza, do rezador que estiver liderando, da forma de rezar de acordo com cada rezador ou rezadeira e também dos pedidos das pessoas presentes. No final da reza acontece a comemoração com queima de fogos.

Ao final da festa é servido um jantar preparado pela organizadora, com o auxílio de voluntários. Esse alimento representa a fé nos Reis, em Jesus Cristo e nas Divindades. O jantar primeiramente é servidos aos foliões que ali estão, em

respeito a eles, depois de eles se servirem, é liberado para as outras pessoas que estão participando da folia indiretamente. São as pessoas que vão para admirar a festa, ou até mesmo pagar promessas. No jantar, há fartura de comida que é feita com muito amor, com ajuda da comunidade, de amigos e parentes, que doam alimentos, como arroz, feijão, galinha, carne e entre outros alimentos, assim como doam seu trabalho voluntário.

Uai... qualquer tipo, primeiramente o arroz, um cortado de carne, um cortado de arroz, outros quem pode mais, vai frango, um acostelado, vai feijão, macarrão, vai a verdura, sala, essas coisas toda (Felicio Guedes, informante).

Figura 8 – A mesa com os alimentos, no arremato da folia



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020

4.4 O Altar

De acordo com a tradição, o altar é montado pelo dono da casa na sala da residência, enfeitado com rosas, velas, imagens dos santos de devoção, bandeira e outros acessórios. Às vezes são utilizadas plantas, como bananeiras, palhas de cana e outros produtos vegetais de forma a completar a montagem. Em entrevista com dona Domingas, foi informado que o altar é montado apenas nas casas de quem vai dar o pouso, ou seja, ao todo, são seis casas que montam o altar, incluindo a casa da organizadora da folia, onde o altar já fica montado permanentemente.

Figura 9 – Dona Domingas Santana posa ao lado do Altar do Centro Espírita Caminho de Luz e que também é utilizado para a Folia de Reis



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020.

É interessante notar, no altar apresentado na figura acima, o sincretismo religioso, ou seja, a mistura de duas ou mais crenças religiosas. Esse fato se dá pelos vários contatos ou até mesmo por imposições. No caso em questão é evidente a devoção e o carinho pelas diversas entidades e santos vindos do candomblé, da umbanda e do catolicismo, além de figuras com exposição forte na mídia, como o Padre Marcelo Rossi.

4.5 O mestre e o festeiro

Na folia de Arraias o mestre ou embaixador é o senhor Lino Alves dos Santos. Ele é o principal personagem, é o chefe que organiza a logística do grupo, o trajeto

os horários, a manutenção e guarda dos instrumentos. É o responsável por improvisar os versos cantados nas residências. Cabe aos mestres a responsabilidade de manter viva a tradição e se encarregar da transmissão oral desses saberes. Existe também o contramestre, que é o responsável por responder às falas do mestre nos cantos e nas rezas, além de ajudá-lo na execução de suas funções.

O festeiro também é figura importante, pois geralmente é na sua residência que os foliões fazem a tirada da bandeira e também é para esse local que a bandeira volta após o giro. Na folia de Arraias, essa função é compartilhada, pois mesmo tendo algum festeiro organizando e promovendo a festa, que pode ser trocado de ano a ano, a responsável maior e a casa de onde sai a bandeira e para onde volta, no dia do arremato, é a de dona Domingas Santana.

O mestre vai à frente da folia e fica responsável por algumas funções, comandando toda a logística, passos e cantorias, sendo importante não só durante o cortejo, mas na vida social do grupo. Muitas vezes, o mestre veste uma roupa diferente dos demais, geralmente terno e chapéu somados a um laço ou uma gravata no pescoço; a função dessa vestimenta é diferenciá-lo dos outros participantes. O mestre é também o responsável pela criação dos versos e das louvações, tendo de ser, portanto, um bom conhecedor da folia, das passagens bíblicas e das pessoas visitadas. Este conhecimento se constrói pelo gosto de servir a folia, pela herança cultural recebida dos pais ou antepassados e pelo convívio durante anos dentro da festa.

O senhor Felício Guedes chama a atenção para o papel do mestre na preservação da tradição:

O mestre, tem o folião guia, o guia mestre né, Juarí, o finado Jiú era guia mestre, o Négo, né... Juarini, ele ensinava, chamava as pessoas dava a “copa”, que nem esse Mação mesmo, Mação começou a aprender, que ele passou a “copa” de Josí preto Luís, Juarí tinha a copa de Preto Luís, Preto Luís passou pra Juarí, ensinou pra Arnaldo (Felício Guedes, informante).

Dona Dominga reforça:

Arnaldo, compadre Leônidas, Jaime... pois é, eles ensina, pois é... Juarino (Dona Domingas, informante).

4.6 A Bandeira

A bandeira é muito mais que um simples adereço na Folia de Reis, ela é carregada de simbolismo, representa o sagrado e os Três Reis Magos, constituindo uma representação, um elemento sagrado para cada companhia ou pessoa, sendo também conhecida como doutrina. Geralmente ela é feita de panos brilhantes e é carregada pelo bandeireiro ou alferes da bandeira, sendo recebida com grande respeito pelos moradores visitados pela folia.

É sempre de costume apresentar a bandeira ao chefe da família que acolhe a passagem da Folia de Reis, sendo uma prática comum os moradores beijarem suas fitas quando a procissão chega ou parte de uma residência que se prontificou a receber a passagem da folia, ou quando a oração do terço termina. Nesse momento, a bandeira passa pelos cômodos da casa para abençoar toda a residência e depois é colocada em um local de destaque, como um altar, ou pendurada na sala da casa, enquanto os foliões fazem a sua parte na visita.

A bandeira é um manto sagrado. É feita de pano (a de Arraias é de tecido branco), enfeitada com a figura dos Reis Magos e com fitas de diversas cores. Nela, as pessoas depositam fé, como acolher os pedidos para uma farta colheita, para acabar com as pragas e pestes das fazendas e das plantações.

Para Fred Dantas a bandeira

É o símbolo do Reis, que vai à frente do cortejo. Fisicamente, é apenas um pedaço de tecido com o nome do conjunto, adornada com figuras de santos, como a imagem de São José ou da Família Sagrada, destacada com uma moldura de papel laminado, mas assim como também ocorre em manifestações étnicas e religiosas como o Divino, o Moçambique e o Congado, a importância simbólica da bandeira para o Reis é enorme (DANTAS, 2018, p. 142).

Jadir Pessoa (2007, p. 78) diz que a entrega da bandeira para o dono da residência é um sinal da vinda do sagrado ao espaço mais reservado da fé, que é a casa do morador.

A bandeira representa os três Reis Santos, representa a divindade, é uma devoção que nós católicos temos a ela (né) a gente venera (Márcio Brito, informante).

A importância dela é o seguinte: no meu entendimento, porque Deus é puro e ninguém vê, então aquela bandeira ali é uma semelhança pra gente saber que existe Deus... Porque aquela bandeira ali não é o deus verdadeiro, todo mundo sabe disso né? Não é o Deus

verdadeiro, aquilo é uma semelhança, pra gente sabe que existe ele (Jaime Cirino, informante).

A importância é o respeito, é o respeito, o santo tá na bandeira, Santo Reis tá na bandeira, o alferes com a bandeira toda a vida e o bagageiro encostado, se você der uma notinha, um real é o bagageiro que recebe (dona Domingas, informante).

Figura 10 – A Bandeira de Santos Reis de Arraias, sendo beijada por um devoto



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020.

Figura 11 – A Bandeira de Santos Reis de Arraias, com o bandeireiro, Sr. Carlos Marques Corgonho de Moura.



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020.

4.7 Instrumentos musicais utilizados na Folia de Reis de Arraias

Em Arraias, a folia é composta de músicos que tocam diversos instrumentos, sendo muitos deles de confecção artesanal ou caseira. No giro foi observado que a presença dos músicos se dava da seguinte maneira: um caixeiro, um violeiro (viola ou violão), quatro pessoas tocando pandeiro.

Foi possível observar também que durante o giro os músicos se alternam ou intercalam. Por exemplo, uma noite há um violeiro, na outra noite é outro, ou mesmo durante a mesma noite há uma troca de músicos, provavelmente (sem confirmação) isto se dá pelos afazeres ou atividades que estas pessoas têm, o que faz com que, em uma determinada noite, um músico não possa acompanhar o giro, nesse caso,

outro o substitui. Embora muitos deles tenham feito promessas e teoricamente não poderiam faltar, mas eventualmente alguns conseguem uma “licença” para não acompanhar a Folia em uma determinada noite.

Há também a questão do cansaço, o que faz com que exista uma troca de músicos durante uma mesma noite. Finalmente o fato de tocar na folia é uma honra e às vezes há mais músicos que vagas disponíveis. Esse fato também motiva a troca de músicos.

Além dos músicos citados acima, eventualmente, há a “rebeca” (rabeca), mas este instrumento está desaparecido das folias atuais:

Às vezes, quando tem, quem tem ela e quem sabe tocar tem a rebeca também [...] que nem todo mundo sabe tocar rebeca e... nem todo... algumas pessoas que tem (Jaime Cirino, informante).

O senhor Felício também cita, além dos instrumentos comuns a rebeca “se tiver”. Dona Domingas cita que o “tocador de rebeca” é o senhor Domingo de Moura (avô de nosso ex-aluno Evandro de Moura):

lá da beira do rio, que usava, ih aquele já é vivo... não é não? Já morreu? Pois é seu Domingo de Moura, é que ele perdeu a vista, aquela última casa lá da beira do rio dos ciganos lá embaixo, pois é, ele era um dos folião que tocava viola... ah rebeca (Dona Domingas, informante).

Figura 12 – Os instrumentos utilizados na Folia de Reis de Arraias – viola, caixa de folia e pandeiros



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020.

4.8 A representação do boi

Alguns anos atrás, a Folia de Reis de Arraias contava com a apresentação do boi que tinha todo um elemento cênico e uma preparação. Os participantes utilizavam fantasias, do boi, de indígenas e de palhaços⁵, que representam os soldados.

Foi o senhor Ferreirinha que trouxe para a região esta apresentação, que era realizada somente nas casas de quem solicitasse durante o giro da folia. Esta manifestação continha não somente danças, mas também alguns símbolos que representavam a natureza.

Seis foliões participam da apresentação do boi, sendo dois caretas (palhaços) que defendem o animal para que ninguém se aproxime, e os outros quatro ficavam tentando tocá-lo e, ao fazer isso, levavam uma chibatada. Há também um índio que dança e que representa a natureza e tudo o que existe nela.

Durante a dança, os foliões vão tocando o boi, que arremete esporadicamente em direção das pessoas que assistem a dança. Estas saem correndo com medo do boi, causando um burburinho.

Na representação, era utilizado um berrante, um chocalho e o boi era construído com lenços, papelão, tabuas, e acessórios para enfeitá-lo. No final da festa, o vaqueiro mata o boi e faz a distribuição das partes para as pessoas, usando o vinho como representação do sangue, que é oferecido aos foliões que ali estão. A partilha é feita com o seguinte canto:

Eu matei o boi assim é agora vou repartir
 Assim mesmo é, a cabeça do boi é pra Jaci
 Assim mesmo é, o cupim é pro Gustavim
 Assim mesmo é, espinhaço é pro seu Inacio
 Assim mesmo é, e a rabada é pra rapaziada
 Assim mesmo é, a tripa grossa e da mulher da roça
 Assim mesmo é, a tripa cagaiteira é da mulher feia
 Assim mesmo é, e a fussura é pra dona Jura
 Assim mesmo é, e o lombo é pra José do bidongo
 Assim mesmo é, e a costela é pra Maristela
 Chuva choveu, capim de uruvaio levanta meu boi e sacode o chocalho.

⁵ Importante notar que a figura do palhaço (ou do careta) faz parte e é bastante comum em todas as manifestações da Folia de Reis, mas na região de Arraias este personagem não se faz presente.

A foto a seguir retrata a representação do boi. Nela é possível ver o senhor Ferreira (de lenço vermelho no pescoço) com dois palhaços e um índio. No balde há vinho que representa o sangue do boi e é distribuído para o público que está assistindo a apresentação.

Figura 13 – A representação do boi



Fonte: Sr. Dimas – 1995, cedida por dona Domingas Santana.

Figura 14 – A representação do boi



Fonte: Sr. Dimas – 1995, cedida por dona Domingas Santana.

A foto acima é um registro da “festa do boi”. Nela é possível ver uma bacia com vinho, representando o sangue do boi. Ao lado, vários copos para que se possa distribuir o vinho aos participantes. As duas pessoas mascaradas no fundo são os “seguranças do boi”; o índio é representado por uma criança, o vaqueiro é o próprio senhor Ferreirinha. Destacado à frente o boi, que é todo enfeitado construído com tecido chita, dentro dela entra uma pessoa (senhor Jura Munder, de braços cruzados à esquerda) para fazer as brincadeiras. Ao redor está o povo, que participa da festa.

Infelizmente esta tradição não teve continuidade, devido à falta de pessoas interessadas em aprender os cantos e manipular o boi nas brincadeiras. Dessa forma, essa representação foi retirada do giro da Folia de Reis.

Eu vi (a apresentação do Boi) diversas vezes eu vi, fazia sempre o irmão do Ferreirinha [...] A apresentação do boi é o seguinte: quando chegava na casa que fazia o canto do dono da casa, aí o povo: “ah cadê o boi, eu quero ver o boi” aí já tinha um menino lá... dentro do caixote do boi, a formatura do boi, saia brincando, correndo atrás do povo, fazendo que ia remeter no povo, aí era era bonito, era até bom, juntava gente demais... depois o povo foi ficando... hoje nem sai mais

purquê de começo não tem quem sabe brincar, porque quem sabia era o Ferreirinha e o irmão dele, tinha o Carreirinha, ele era bom pra brincar o boi, aí depois ele morreu, ficou sempre o irmão do Ferreirinha, depois que o irmão do Ferreirinha morreu, aí acabou também, não teve mais o boi (Jaime Curcino, informante).

O senhor Felício também cita a Folia do Boi, dizendo que era arfelo da folia de seu Ferreirinha.

O boi só saía da invernada se tivesse “pagamento”, você falava, eu quero a brincadeira do boi, aí eu ia levar ele, aí ele ia dançar brincar apertar pé de gente, mas até isso tinha que tirar a licença com o juiz... aí tem o índio, tem os negros, os seguranças, que vigiavam com as taconas, tem os índios com as flechas, é importante, inclusive o ano retrasado era pra mim colocar o boi, até começou a arrumar o boi, mas num achou quem sabia cantar... eu num aprendi, Leônidas num aprendeu, antão... quem sabia mesmo propriamente era Ferreirinha e João Rodrigues, que era o violeiro todo tempo, eu num aprendi, Dona Dominga num aprendeu... (Felício Guedes, informante).

Dona Domingas diz:

O boi ficava guardado, quando a pessoa às vezes queria comprar o boi, falava assim... ô fulano cadê o boi? Você fala assim: o boi tá no campo, aí o povo tava cantando o canto para entrar na casa, para abrir as portas, e você ia lá e cochichava: fulano, o homem quer o boi, aí quando era na hora aí ela ia lá e booom... soltava o berrante e o boi (Dona Domingas, informante).

Domingas ainda reforça que a única bebida alcoólica que pode levar na folia era o sangue de boi e canta um trecho da música para “matar” o boi e tirar o sangue: *eu matei o boi, ôce memo é...* e o boi vai lançando o sangue na bacia.

4.8 Registros históricos

Dona Domingas Santana atendeu gentilmente ao pesquisador e cedeu algumas fotografias ou cópias de registros fotográficos históricos da folia em Arraias. Um pouco desse material está apresentado a seguir. A primeira foto (figura 15) nos mostra a folia com viola, caixa e pandeiro em um clube da cidade:

Segundo relato de Dona Domingas, a foto de número 16, retrata os foliões e os acompanhantes se dirigindo para a igreja católica. A tradição era que a folia passasse na igreja, onde eram recebidos pelo padre, importante registrar os papéis nas mãos das pessoas, ele continha as letras de música e cantos, também é interessante registrar que na foto há duas bandeiras de Reis.

Figura 15 – Folia de Reis



Fonte: Sr. Dimas – 1995, cedida por dona Domingas Santana.

Figura 16 – Folia de Reis nas ruas de Arraias



Fonte: Sr. Dimas – 1995, cedida por Dona Domingas Santana

A próxima foto registra mais um momento da bandeira, em visita a uma residência, durante o giro. Na oportunidade o bandeireiro é o senhor Ferreira.

Figura 17 – Folia de Reis de Arraias



Fonte: Sr. Dimas – 1995, cedida por Dona Domingas Santana.

Dona Domingas fala sobre o interesse das pessoas pela folia:

Graças a Deus, foi... que... Ferreira faleceu... eu falei que num ia solta, mas aí... os folião tudo, quando foi no... entrou no dia primeiro de dezembro, que solta o Santo Reis é em janeiro, eles chegavam: ô Dominga, que hora vai solta a Folia? Eu falava ô gente eu não solto não, tô tão desanimada, isso e aquilo, Dona Dominga mas vamos soltar, que é promessa, Ferreira falou que enquanto a senhora vivesse era pra senhora cumpri os gostos dele, as promessa dele, vamos soltar, aí eu falei assim vou ver, vamo pensar, vou conversar com meus povo, tudo... e... vou conversar com o padre, vou conversar com meus guias de luz que é daí do centro, pra ver o que é que eles me diz... Aí falou que eu podia soltar. Mas graças a Deus, ihh. ... mais quando eu mandei soltar os foguetes, que avisei avisando na igreja que a folia ia sair, mas foi gente, foi gente todo ano... (Dona Dominga, informante).

5 CONCLUSÃO

Tornar-se um pesquisador não é uma tarefa simples, mas é parte importante do processo de construção de um professor, que pesquisa e busca informações, que podem ser fundamentais para compreender, ajudar a resolver os problemas da sociedade com as suas demandas e o auxiliar o docente no preparo de aulas. Contribuir com a formação do aluno da licenciatura é a função primordial do TCC.

Esse trabalho proporcionou conhecer um pouco mais a respeito das tradições populares de nossa região, abordando a Folia de Reis, festividade que acontece todos os anos, na primeira semana de janeiro. Inicialmente o enfoque principal seria a música, suporte utilizado na realização da festa e que faz parte, por meio dos toques, dos cantos e das rezas, das relações simbólicas dessa manifestação popular. A música é uma maneira universal de comunicação, que permite reunir as pessoas e também possibilita que os sujeitos compreendam melhor a importância da preservação dos costumes, relações sociais e das tradições populares de um povo.

As restrições impostas pela pandemia de covid-19, que por dois anos impediram a realização da festividade de Reis, nos obrigou a mudar o enfoque para questões históricas e da criação e atual situação da festividade em nossa cidade, com a realização de entrevistas e coleta de depoimentos de pessoas intrinsecamente ligadas à festividade, além de coleta de fotos históricas.

Por meio dessa sondagem foi possível perceber que a Folia está perdendo espaço entre a população com menos idade, pois as crianças e jovens, atualmente, não têm tanto interesse em aprender sobre a festa e isso poderia ser minorado se houvesse algum incentivo dentro da escola para o ensino dessas tradições populares, pois o ensino da música e das tradições populares para crianças, faz uma grande diferença na vida do aluno e diz muito sobre que tipo de cidadão a escola e a sociedade irão formar: se será uma pessoa preocupada com as suas raízes culturais e que querará manter essas tradições vivas, ou se isso para ela é algo subjetivo e que não lhe faz diferença.

Como diz Jaime Cirino:

A Folia é boa... eu gosto, já administrei diversas, nem só aqui em Arraias, como em outros lugar, então é... como fala... é... uma tradição, uma tradição... que a Folia veio do começo do mundo... A Folia é tradição (Jaime Cirino, informante).

Mas todos os entrevistados sublinharam que há um abandono com relação ao respeito para com as folias, muitas vezes representados pela presença constante da bebida alcoólica na festa:

A diferença (entre a folia antiga e atual) de modo a falta do respeito, porque o povo hoje está com falta do respeito com a divindade, num respeita mais ninguém, num respeita a divindade... né... é... antão... a diferença é essa eles num tão respeitando... chega na sua casa, tem um pouso na sua casa, eles diz que vai pela... na hora do canto, na hora da oração, ocê... na hora do bendito, ocê num vê eles lá tudo empanado sistindo o canto ou o bendito. Tá tudo empuleirado, igual lá no mangueirá, tá lá enrolado com muié, oié a falta do respeito... e a pinga desembestada [...] num pode (levar bebida alcoólica para a Folia) mas muitos leva (Felício Guedes, informante).

De qualquer forma, dona Domingas deixa uma mensagem importante de esperança e fé:

Meu filho vou falar procê... de todas coisas, minha paixão, tudo... é pela Folia de Santo Reis e pela Folia do Espírito Santo, de todas né, de Santo Reis, muitos anos, e do Divino também muitos anos...

Sendo assim enxergamos que a música não é algo inútil e que deve ser desprezado, mas que ela tem um valor e um significado que deve ser compreendido como diz Uriarte:

A música é um fenômeno universal, uma linguagem que todos entendem, é um traço de união entre os povos. A música gera conhecimento e tem especial significado porque opera com força total na percepção e na cognição humana. A Educação Musical tem a função de acionar e desenvolver tanto a capacidade do indivíduo para compreender as relações que possibilitam a expressão, quanto os mecanismos cognitivos presentes no processo de organização sonora (URIARTE 2004, p. 246-247).

A experiência pessoal de realizar uma pesquisa científica orientada para esse trabalho de conclusão de curso, foi muito importante e, por esse motivo, agradeço à Universidade Federal do Tocantins, por me conceder esta oportunidade e as condições necessárias para a efetivação da proposta. Os conhecimentos e habilidades, inclusive com relação à pesquisa e organização, desenvolvidos aqui, serão de muita valia em trabalhos futuros na academia, na escola ou na vida cotidiana. A pertinência dessa pesquisa reside exatamente nessa questão, além da intenção de estudar e revivificar esta manifestação cultural e perceber suas características.

O relato e a pequena história apresentados nesse trabalho não fazem jus à importância que dona Domingas tem. Muito ainda deverá ser escrito e relatado para tentar apresentar todo o trabalho que ela e o senhor Ferreirinha fizeram pela cultura de Arraias, incluindo a história de vida do casal, que, segundo o depoimento dela, começou com seu casamento no Sertão Terra Nova, na casa do senhor Adão. Naquele dia quando se dava o primeiro pouso da Folia do Divino, é que foi celebrado seu casamento com o senhor Ferreirinha.

Finalizando o texto, gostaria de agradecer novamente a dona Domingas Santana que auxiliou a pesquisa, me recebeu com muito carinho e que faz um trabalho de importância cultural imprescindível para a cidade de Arraias.

Figura 18 – Dona Domingas Santana com Cleudimar Francisco



Fonte: Cleudimar Francisco – 2020.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 112p. (1ª ed. 1982).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 25 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo R. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: UCG, São Paulo: Edusp, 2003. 240 p.
- COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática**. 2.ª ed. Coimbra: Almedina, 2013. 421p. (1.ª ed. 2011).
- DANTAS, Fred. Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia. In: SANTOS, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério (org.). **Educação musical na educação do campo: outras epistemologias**. Palmas: EdUFT, 2018, p. 115-177.
- PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de caixa e viola. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 27, n.º 71. p. 63-83, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/YMtnrSX7nq48MNvv3ZmdyYM/?lang=pt>. Acesso em 05 fev. 2022.
- RAMOS, Arthur. **A mestiçagem no Brasil**. Maceió: UFAL, 2004.
- SANTOS, Ana Roseli Paes. Etnopedagogia no ensino de instrumentos musicais: uma prática possível para a educação musical. In: SANTOS, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério (org.). **Educação musical na educação do campo: outras epistemologias**. Palmas: EdUFT, 2018, p. 17-53.
- SANTOS, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério (org.). **Educação musical na educação do campo: outras epistemologias**. Palmas: EdUFT, 2018. 389p.
- TOCANTINS. Secretaria do planejamento e orçamento. Perfil socioeconômico dos municípios: Arraias. Palmas: SEPLAN, 2017.
- URIARTE, Mônica Z. Música e escola: um diálogo com a diversidade. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 245-258, 2004.